

26-10-2020

SOBRE O CHEIRO E O GOSTO DAS COISAS:

QVIDA

Annibal Coelho de Amorim

[Médico. Doutor em Saúde Pública]

Fui pego de surpresa e me sinto vivendo em tempos de “instauração”, uma palavra inventada por Tunga, um artista da pré-pandemia, que sempre esteve bem à frente de seu tempo, logo podemos considerá-lo pós-pandêmico.

Tunga, cujas obras, que podem ser visitadas em Inhotim, merecem mais do que uma simples olhada, pois nada em suas obras é passageiro, passa por ti e te toca por inteiro desde que você se deixe verdadeiramente tocar. Expor-se às obras de Tunga é abrir-se para todos os sentidos, paladar, olfato, audição, visão e tato. Acho que isso é um bom início de prosa, mas prefiro não ousar na palavra, pois tenho receio da “academia de médicos(as) das letras”.

Será que existe uma academia que me ensine a apreciar por inteiro todos sentidos diante de uma “obra de arte”?

Hoje, uma tarde outubriana e bastante domingueira, reconheço em mim dois hábitos novos e bastante salutares: ir ao banheiro apenas para cheirar o sabonete, passar na cozinha pegar uma banana e comer sentindo cada gostinho que ela me proporciona, coisa que só aqueles imersos em sentidos é capaz de sentir. Talvez esses pobres mortais - hoje todos o somos - cercados de letras e formas por todos os lados, preferissem que eu desfilasse meu conhecimento (médico) e servisse aos leitores o significado das palavras anosmia e ageusia, mas de pirraça não o farei. O que importa mesmo, nestes tempos pr’alá de pandêmicos, é aproveitar cada segundo de vida, cada sentido, cada cheiro, cada gosto. Ibni’Ul Arabi, poeta árabe, em uma de suas poesias, em reverência, pediu solenemente, “Oh, Alah, me afasta desse mar de palavras”, eu concordo mas prefiro acrescentar, “... e me aproxime de cheiros e gostos”.

Tunga, artista pré-pandêmico, rejeitava a ideia que suas obras eram uma performance, uma apresentação, uma forma de instalação. Tunga usava o termo “instauração” para falar de suas obras, algo que se dava por completo em um ambiente, se instaurando e dando-se por completo aos nossos cinco sentidos. Por exemplo, quando sentimos cheiros de sabonetes, mulheres, flores e, por vezes, nos repugnamos ao imaginar odores fétidos que emanam dos genocidas, em meio a mais de 150.000 mortos, enterrados sem uma oração apropriada ou gestos silentes de seus familiares. Em plena domingueira deixemos de lado o lado triste e nos concentremos em cheiros e aromas inebriantes, como o de sabonete ou das aventuras inebriantes do sabor de um vinho escolhido a dedo por um sommelier. Eu não sou chegado a bebidas, mas como diz a música, quem há de resistir ao perfume de uma bela morena (loira, ruiva, ou negra, minha deusa de ébano).

Aberto aos sentidos - antes que eu seja interpretado como machista/sexista - o que importa nesse momento de isolamento social é o que imaginativamente pode exalar dos poros.

Decorrente de um encantamento visual ou tátil, meus sentidos me lançam de volta no tempo de Carlos Zéfiro - será que alguém se lembra desse “escritor” -, “muito folheado” entre círculos de adolescentes de muitos anos atrás?

Assim, inspirado por Tunga, instaurou-se em mim essa palavra “bandida”, uma “espécie de golpe”, aquilo te captura pela pele, pelos sentidos, quase uma vertigem artística, proporcionando-lhe coisa importante: se você sente cheiro, ah, que coisa boa, estás bem de saúde. Se não estás isolado socialmente e te imaginas acompanhado de morena/loira/ruiva/negra, então não se fala mais nada, o cheiro e o gosto que sentes anunciam um turbilhão de sentimentos e de emoções.

Antes que os leitores do Opinião acreditem a esse texto um caráter estritamente erótico, refuto e reclamo para mim todos os meus sentidos, nesse meu delírio de cheiros e gostos de coisas, uma vez que ao sentir cheiro e gosto estou bem vivinho. Aposto que todos têm ideia precisa do cheiro do jasmim ou da hortelã e do gosto picante da pimenta malagueta em sua comida. Afinal tem gosto pra tudo nesse mundo, tem gente que não gosta de meio ambiente e não gosta da educação inclusiva e desgosta de quem as protege.

Cheiros e gostos (quaisquer que sejam, inclusive os desagradáveis), são sinais de vida de que a pandemia que assola países ainda de ti não se aproximaram. Por isso cheiro de sabonete e gosto de chocolate são amostras preciosas do que chamamos QVIDA. Uma talagada de cachaça - pra quem gosta - dá aquela ardida na garganta e aquele famoso arrepio ou eriçar de pelos. Sobre o cheiro e o gosto por todas as coisas da vida, é bom que se diga, são os primeiros passos para que os demais sentidos (a visão de tudo o que é belo e escultural no mundo; o tocar com afeto e delicadeza as crianças e entes queridos; ouvir músicas que embalam sonhos e os shows da vida) sejam continuamente aguçados. Se me permitem, colegas do Opinião não de concordar que o cheiro e o gosto pelas boas coisas da vida sejam essenciais para o momento em que vivemos. Muitos de nós necessitarão apreciar todos os sentidos quando a pandemia passar, e aí, entenderemos a expressão QVIDA usada no texto outubriano de 2020. Feliz (pra dedéu) por ter sentido cheiro de sabonete e gosto de chocolate, encaminho as últimas linhas me inclinando aos gostos e cheiros que ainda hei de sentir. Valei-me São Judas Tadeu. São Jorge, me faz um favor, me empresta o teu cavalo branco que “eu tô muito a fim” de cavalgar pra longe daqui e imaginando os (multi)efeitos “instaurados” em um galope sexteiro. Não sei QVIDA nova me aguarda ou se avizinha, mas já estou sentindo cheiro de alfazema no jardim da minha existência

(“Sempre gostei de bagunça...” Tunga)

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.